

O turismo enquanto agente de **transformação sócio-espacial**: O caso de **Goa**

ZÉLIA BREDA * [zélia@ua.pt]

CARLOS COSTA ** [ccosta@ua.pt]

Resumo | O turismo em Goa, enquanto actividade económica, encontra as suas origens na década de 1960, quando *hippies* ocidentais descobriram as suas praias inexploradas, a sua atmosfera descontraída e rural, e drogas facilmente acessíveis a baixo custo. Contudo, a natureza letárgica de Goa só começou a mudar em meados dos anos 1980, com o estabelecimento de voos *charter*, introduzindo no território um novo tipo de turismo. A promoção e comercialização de Goa como um importante destino turístico internacional resultaram num número de visitantes muito superior ao número de residentes locais, excedendo a capacidade de carga do território. Ao mesmo tempo que Goa sofre os impactes destas grandes mudanças, continua a ser fortemente promovida como um paraíso turístico. Deste modo, o território enfrenta o desafio de tentar equilibrar as vantagens económicas do turismo com as questões ambientais e a mudança inevitável do seu tecido sociocultural. Este artigo procura apresentar e discutir o desenvolvimento de Goa enquanto destino turístico, examinando os impactes socioculturais, económicos e ambientais provocados por esse desenvolvimento.

Palavras-chave | Turismo, Desenvolvimento, Políticas Públicas, Impactes, Goa.

Abstract | Tourism as an economic activity in Goa can be traced back to the 1960s, when many Western hippy travellers discovered its untouched beaches, its laid-back and rural atmosphere, and easily found drugs at little cost. However, the lethargic nature of Goa only began to change in the mid 1980s with the establishment of charter flights, introducing to the territory a new type of tourism. The packaging of Goa as a major international tourist destination resulted in the number of visitors far exceeding the number of residents and also the region's carrying capacity. At the same time that Goa falls under the impact of massive change, it keeps being vigorously promoted as a tourist paradise. Goa is therefore facing the challenge of balancing tourism's economic advantages with environmental issues and the inevitable change of its character. This paper tries to discuss the development of Goa as a tourist destination, examining at the same time the socio-cultural, economic and environmental impacts of such tourism development.

Keywords | Tourism, Development, Public Policies, Impacts, Goa.

* **Mestre em Estudos Chineses** – Negócios e Relações Internacionais pela Universidade de Aveiro. **Doutoranda em Turismo** e **Assistente convidada** no Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial da Universidade de Aveiro.

** **Doutorado em Turismo** pela Universidade de Surrey (Reino Unido) e **Professor Associado com Agregação** no Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial da Universidade de Aveiro.

1. Introdução

O turismo é um dos sectores que mais tem crescido ao longo dos anos, desempenhando um papel importante na economia mundial e contribuindo de forma positiva para o desenvolvimento de vários países. No entanto, a contribuição do turismo varia de acordo com o nível de desenvolvimento do país, tendendo a ser mais importante nos países emergentes, os quais beneficiam de taxas de crescimento mais elevadas e das necessárias vantagens de localização (Keller, 1999). Mathieson e Wall (1982) também sugerem que os efeitos do turismo variam com a natureza e nível de desenvolvimento económico do destino, assim como com o tipo de turistas e investimentos. Desse modo, defendem que os países em vias de desenvolvimento sofrem de diversos problemas, pelo que o turismo tende a provocar efeitos mais significativos nesses países, tanto positivos como negativos, a nível económico, social, cultural e ambiental. Desta forma, o turismo em países desenvolvidos tende a ser considerado como uma actividade social com consequências económicas, enquanto que em países em vias de desenvolvimento é uma actividade essencialmente económica com consequências sociais (Jenkins, 1980).

Goa, um território relativamente pequeno localizado na costa oeste da Índia, recebe anualmente um grande número de visitantes, nacionais e estrangeiros, atraídos pelas suas praias, paisagens, festivais, monumentos e pela hospitalidade da sua população. O turismo, como actividade económica, começou a desenvolver-se apenas na década de 1960, após a independência do território da administração Portuguesa. O Governo da Índia, ciente do facto de que o turismo pode gerar consideráveis benefícios económicos e sociais, começou a seguir uma estratégia que visava o aumento da quota do país nas receitas turísticas mundiais. Do mesmo modo, no Estado de Goa, o turismo começou a dominar o discurso oficial em termos do desenvolvimento do território. Em finais da década de 1960, o turismo em

Goa representava cerca de 2% do total das chegadas de turistas internacionais à Índia, enquanto que no início deste século a sua quota representava já mais de 11% (Government of Goa, 2008). Não obstante as vantagens económicas que acompanharam este crescimento notável, o turismo tem originado outros aspectos que têm claramente contribuído para mudanças drásticas no tecido social e cultural de Goa, e no seu ambiente natural. Este artigo procura apresentar e discutir o processo de desenvolvimento de Goa enquanto destino turístico, examinando os impactes socioculturais, económicos e ambientais resultantes desta actividade.

2. Impactes do turismo

Sendo o turismo uma actividade que envolve a deslocação do consumidor ao local da produção, existem um conjunto de aspectos que devem ser tidos em conta no processo de desenvolvimento do sector. Mathieson e Wall (1982), na sua definição de turismo, introduziram o elemento sequencial que resulta da interação entre os elementos dinâmico (procura) e estático (oferta), e que se traduz nos impactes gerados pela actividade turística a nível ambiental, económico e sociocultural. Os impactes do turismo referem-se portanto às modificações, positivas ou negativas, provocadas pelo processo de desenvolvimento turístico nos destinos, pelo que esta actividade actua como um agente de mudança. A intensidade dessas mudanças depende da natureza dos destinos, mas também do volume e tipo de turistas que se deslocam a esses destinos (Mathieson & Wall, 1982; Wall & Mathieson, 2006). No Quadro 1 apresentam-se, de forma resumida, os principais impactes do turismo.

Na literatura foram surgindo vários estudos que pretendem fornecer modelos formais para explicar o processo de desenvolvimento do turismo, criando deste modo quadros de referência que permitem evidenciar as alterações provocadas pela actividade turística.

Quadro 1 | Impactes do turismo

| Positivos | Negativos |
|--|--|
| Económicos | |
| <ul style="list-style-type: none"> – Receitas de divisas externas – Receitas de impostos e taxas – Diversificação do emprego e rendimento locais – Atracção de investimento para infra-estruturas e serviços – Criação de oportunidades de emprego nas indústrias de suporte ao turismo – Desenvolvimento de mercados de exportação para produtos locais – Melhoria dos padrões de vida | <ul style="list-style-type: none"> – Instabilidade do mercado turístico – Sazonalidade da procura turística – Rendimento e emprego sazonais – Inflação e especulação imobiliária – Redução das actividades económicas tradicionais – Dependência excessiva do turismo – Custos de oportunidade – Modificação negativa da estrutura económica – Aumento das importações – Dependência de capital estrangeiro |
| Socioculturais | |
| <ul style="list-style-type: none"> – Exposição a nova informação e outros estilos de vida – Aumento dos níveis culturais e profissionais da população – Modificação positiva da estrutura social – Oportunidade de relações inter-culturais – Valorização de produtos/conhecimentos tradicionais – Aumento da consciência e preservação da cultura, história e património – Orgulho étnico e cultural | <ul style="list-style-type: none"> – Trabalho infantil, pedofilia, prostituição, criminalidade, corrupção, toxicod dependência – Conflitos religiosos – Choque e arrogância cultural – Alienação da comunidade local – Efeito de demonstração – Neo-colonialismo – Influxo de trabalhadores sazonais – Conflitos sobre o uso dos recursos – Vulgarização das manifestações culturais – Descaracterização do artesanato – Destruição do património histórico |
| Ambientais | |
| <ul style="list-style-type: none"> – Criação de planos e programas para a preservação de áreas naturais – Melhoria da qualidade ambiental – Investigação e educação ambiental | <ul style="list-style-type: none"> – Degradação do ambiente, de sítios históricos e de monumentos – Destruição da fauna e flora – Poluição e gestão inadequada dos resíduos – Consumo excessivo de água – Erosão do solo devido à sobre-exploração e desenvolvimento de infra-estruturas inadequadas – Congestionamento e estrangulamento devido à construção massiva – Construção em terrenos frágeis – Mudanças no uso e cobertura do solo |

Fonte: baseado em Mathieson & Wall, 1982; Mill, 1990; Inskip, 1991; Leiper, 2004; Wall & Mathieson, 2006.

É o caso do Modelo de Doxey (1975), que mostra a evolução das relações entre turistas e residentes locais, identificando assim o nível dos impactes socioculturais que podem ocorrer no destino. O Modelo de Smith (1989) retrata também a evolução da procura num determinado local e a respectiva ordem de impacte, enquanto que Miossec (1976) esquematiza a evolução temporal e espacial de uma área turística, enfatizando as mudanças no fornecimento de equipamentos e infra-estruturas turísticas e no comportamento e atitudes dos turistas, decisores e comunidades locais. Os modelos de Butler (1980) e Burton (1995) defendem igualmente que os destinos tendem a passar por etapas distintas de desenvolvimento. Cada fase é definida consoante o número de visitantes recebidos, e as mudanças

ocorridas ao longo do tempo na indústria turística e na sua ligação com as comunidades.

Uma vez que podem ocorrer vários impactes negativos ao nível dos destinos, é essencial que exista planeamento e uma política clara para o sector. O desenvolvimento de planos que incorporem uma visão de sustentabilidade é também fundamental, devendo-se ter em conta alguns indicadores de planeamento, como a capacidade de carga, limites à mudança aceitável (LAC – *Limits to Acceptable Change*), avaliação do impacte ambiental (EIA – *Environmental Impact Assessment*), entre outros. O turismo, quando não planeado, pode destruir os recursos dos quais depende, pelo que o desafio passa por evitar uma relação de conflito e tentar manter uma ligação de simbiose.

3. Metodologia

Este trabalho apresenta os resultados de um estudo empírico realizado em Goa. Uma primeira pesquisa foi levada a cabo entre Janeiro e Março de 2005, tendo sido usadas como técnicas a observação não participante e entrevistas informais a turistas, residentes locais, funcionários do governo e Organizações Não-Governamentais (ONG), o que permitiu recolher diferentes pontos de vista sobre o turismo em Goa. Foram ainda efectuadas entrevistas não estruturadas a representações Portuguesas em Goa. Dados secundários foram também uma fonte valiosa de informação, nomeadamente as estatísticas oficiais, planos e políticas de desenvolvimento, e notícias veiculadas na imprensa, além de um grande número de publicações de autores Indianos, entidades oficiais e ONG.

A esta fase preliminar seguiu-se uma pesquisa planeada realizada nos anos seguintes (Janeiro a Março de 2006 e Março a Abril de 2007), com o objectivo de investigar mais acerca do turismo e do sector hoteleiro em Goa. O uso de multi-métodos (Figura 1) resultou numa melhor compreensão acerca da natureza e do grau de desenvolvimento do turismo e seus impactes, bem como da estrutura do sector hoteleiro, o qual tem

sido apontado como um dos grandes causadores das transformações ocorridas nas áreas costeiras. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas a entidades públicas (*Goa Tourism Department* e *Goa Tourism Development Corporation*), associações do sector (*Tourism and Travel Association of Goa* e *Goa Chamber of Commerce and Industry*) e representações Portuguesas (Consulado de Goa e Embaixada em Nova Deli). Adicionalmente, foi efectuada uma entrevista-questionário aos proprietários e/ou gestores de estabelecimentos de alojamento de gama média-alta, designadamente os hotéis classificados de 3 a 5 estrelas de luxo. Foram contactados todos os estabelecimentos destas categorias (40), tendo-se obtido uma taxa de resposta de 100%.

4. O processo de desenvolvimento do turismo em Goa

4.1. Administração e políticas de turismo

Antes da Segunda Guerra Mundial, o turismo em Goa existia numa escala muito reduzida. A procura era constituída por emigrantes e turistas (Indianos

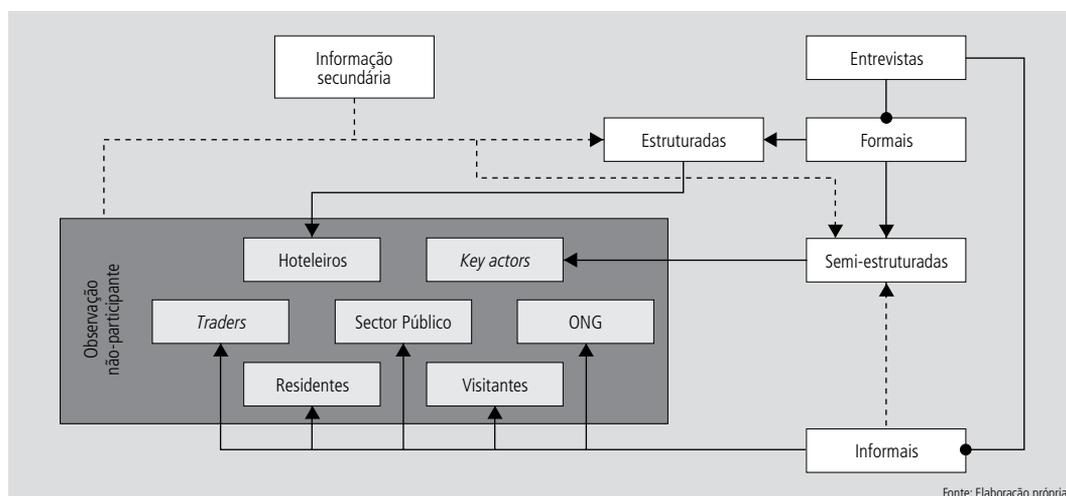


Figura 1 | Métodos e técnicas utilizadas no estudo empírico.

e estrangeiros) que costumavam visitar Goa nas férias, e ficavam hospedados em hotéis modestos, em quartos alugados em casas particulares ou com os seus familiares e amigos (antigo funcionário do Centro de Informação e Turismo, comunicação pessoal, 23 de Fevereiro de 2005). Goa sempre exerceu uma forte atracção nos Estados vizinhos, mesmo antes da sua independência do Governo Português. No entanto, o fluxo de turistas indianos teve um fim abrupto entre 1958 e 1961, em resultado do bloqueio introduzido pelo Governo da Índia de modo a forçar os Portugueses a abandonarem o território (antigo funcionário do Centro de Informação e Turismo, comunicação pessoal, 23 de Fevereiro de 2005). Esta medida não produziu nenhuma mudança política, no entanto afectou gravemente o turismo em Goa.

No início de 1960, o Governo português criou Direcções de Turismo em todas as províncias ultramarinas, sob o nome de Centro de Informação e Turismo (CIT). Logo que esta entidade foi criada em Goa, foi elaborado um plano detalhado com o objectivo de 'embeleazar' algumas praias (antigo funcionário do Centro de Informação e Turismo, comunicação pessoal, 23 de Fevereiro de 2005). Não obstante estes avanços, as actividades do CIT foram condicionadas devido ao encerramento da fronteira entre Goa e a Índia, e aos limitados fluxos turísticos.

Logo após a 'Libertação', o Governo da Índia iniciou uma série de iniciativas no sentido de estimular e desenvolver o turismo. Um delas foi a divisão do CIT em dois departamentos distintos: o Departamento de Informação e Publicidade, e o Departamento de Turismo (antigo funcionário do Centro de Informação e Turismo, comunicação pessoal, 23 de Fevereiro de 2005). Sob a direcção deste novo departamento, foram formulados planos para promover o desenvolvimento do turismo. Paralelamente, foi injectado um investimento substancial, tanto por parte do Governo local como do central, para desenvolver equipamentos de alojamento, transporte e lazer.

Durante a segunda metade dos anos 1960 foram essencialmente desenvolvidas estruturas de alojamento para atender às necessidades dos turistas de baixo-médio rendimento em áreas identificadas pelo Departamento de Turismo como sendo propícias ao desenvolvimento do sector. O sector privado foi também incentivado a construir hotéis em diferentes partes do território, com o objectivo de atingirem outros segmentos de mercado. O número total de unidades de alojamento no território aumentou de 25 (453 camas) em 1961 para 49 (1.048 camas) em 1964 (TECS, 1975, 1976). Esta expansão de alojamento turístico, transportes, instalações de recreio e outros serviços levou a um grande crescimento dos fluxos turísticos.

Em 1967, existiam 1.350 camas em hotéis e pensões, no entanto, a maioria dizia respeito a alojamento turístico de categoria inferior, sendo que aos hotéis de qualidade superior apenas correspondiam 320 camas (Government of India, 1973). Este número era claramente insatisfatório uma vez que o número de turistas aumentou consideravelmente e o número de camas quase não se alterou. A falta de alojamento reflectiu-se na procura turística.

Em 1982, o Governo de Goa criou a *Goa Tourism Development Corporation* (GTDC), um órgão autónomo destinado a lidar com as operações no sector do turismo, nomeadamente fornecer alojamento de baixo custo. Com o aparecimento da GTDC, ocorreu uma clara divisão das actividades relacionadas com o turismo, estando o Departamento de Turismo responsável pelo planeamento e promoção e a GTDC pela componente comercial.

Em 1987, o Governo de Goa, através do *Town and Country Planning Department*, preparou um plano de desenvolvimento turístico (Government of Goa, 1987), em consequência do rápido crescimento da chegada de turistas em meados dos anos 1980. No entanto, este plano falhou em obter o apoio da população, uma vez que apresentava algumas medidas que violavam regulamentações do Governo da Índia no que diz respeito à conservação das

praias, e logo tornou-se alvo de uma forte oposição por parte das ONG e grupos locais (Alvares, 2002). Os opositores ao plano defendiam que os impactes do desenvolvimento da actividade turística na estrutura socioeconómica de Goa não tinham sido devidamente averiguados. Foi ainda contestado que o plano apenas se destinava a promover o turismo de sol e mar, com o objectivo de atrair unicamente turistas ocidentais e a elite da sociedade Indiana. Como resultado, o Governo de Goa decidiu não executar o plano.

Posteriormente, em 1989, o Governo local, com o apoio da Organização Mundial do Turismo e do Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas, realizou um estudo sobre a capacidade de carga em termos do crescimento do turismo em Goa, de modo a determinar o limiar de desenvolvimento (UNWTO, 1994; UNWTO/UNDP, 1989). Apesar desta tentativa de fornecer alguns contributos sobre o desenvolvimento do turismo e seus impactes, o estudo foi também alvo de críticas uma vez que se limitou à faixa costeira, assumindo que esta seria a principal área de desenvolvimento e, portanto, ignorando o potencial das áreas do interior para as actividades turísticas (CES, 2001).

Em Abril de 2000, como resultado dos impactes positivos do turismo na estrutura económica, o Governo de Goa declarou este sector como indústria, sendo o primeiro Estado da Índia a conceder esse estatuto ao sector do turismo. Nesta sequência, foi preparado um novo plano director de desenvolvimento do turismo (CES, 2001), e o Governo adoptou uma política para o sector (Government of Goa, 2001). O novo plano recomendava o desvio do turismo das zonas costeiras para o vasto território interior, estimando uma capacidade total de camas de 62.776 até 2021. Esta projecção mereceu também a oposição das ONG, que defendem que não existiu uma discussão acerca dos impactes ambientais associados a esta projecção. A política de turismo reconheceu o papel central do sector privado no desenvolvimento do turismo, tendo dado ênfase à diversificação e valor

acrescentado do produto turístico, e mencionado os impactes do turismo. Apesar de ser mais sensível às preocupações da população, esta política de turismo não foi longe o suficiente para abordar questões como a sustentabilidade e a qualidade do litoral.

Em 2003, o Governo aprovou a Política Industrial de Goa, identificando algumas formas de turismo onde se deveria apostar, nomeadamente o turismo cultural, turismo de aventura, eventos e o ecoturismo. Mais recentemente, o Plano Regional de Goa 2021 (Government of Goa, 2008) defendeu a necessidade de um novo plano global de desenvolvimento para Goa com base numa visão sustentável, referindo também a necessidade de se alterar o modelo de desenvolvimento centrado no turismo de sol e mar e o desenvolvimento de projectos 'amigos do ambiente', o que demonstra que a visão das entidades oficiais começa gradualmente a mudar.

4.2. O crescimento da actividade turística

Antes da 'Libertação', os fluxos turísticos tinham pouca expressão, sendo a sua proporção em relação à população local quase insignificante. Não existia nenhum esforço formalizado em desenvolver o turismo neste período, tendo começado a desenvolver-se apenas após a independência do governo Português.

Goa começou a atrair a atenção dos turistas internacionais na década de 1960. As praias tornaram-se o paraíso de *hippies* ocidentais, transformando-se numa das principais paragens do 'circuito *hippy*' na Ásia, já que "era barato, agradável, tinha bom clima, boa comida, drogas disponíveis e poucos aborrecimentos" (Newman, 2001: 214). Segundo Harding e Thomas (2003), o turismo moderno em Goa começou com o '*flower power*' das décadas de 1960 e 1970. No entanto, com o crescente aumento do número deste tipo de visitantes, o território começou a ganhar uma reputação indesejada devido à grande abundância

de drogas, às intermináveis festas e ao nudismo, o que naturalmente irritou a população local.

Como havia poucos ou nenhuns estabelecimentos de alojamento, estes visitantes construíram nas praias abrigos feitos de folhas de palmeira e alugaram quartos em casas de particulares (antigo funcionário do Centro de Informação e Turismo, comunicação pessoal, 23 de Fevereiro de 2005). Mais tarde, hotéis e cabanas de praia começaram a proliferar nas áreas mais populares, uma vez que os habitantes locais começaram a perceber que poderiam beneficiar com a presença destes turistas.

Embora os *hippies* claramente caracterizem a procura turística durante este período, existiam outros tipos de turistas estrangeiros que visitavam Goa, bem como um grande número de turistas indianos, que começaram a visitar o território “para verem os infames e libertinos ocidentais” (Harding & Thomas, 2003: 15). O número de turistas estrangeiros era muito baixo comparado com o número de turistas domésticos, e representava, em 1967, apenas 2% do total de turistas internacionais na Índia (Government of India, 1973).

Só em meados dos anos 1970 é que o Governo de Goa se percebeu do verdadeiro potencial económico do sector do turismo. Com o apoio do Governo central, que tinha uma política de apoio à indústria do turismo e começou a incentivar *charters* directos para áreas de *resort* de praia (Mahajan, 1992), Goa passou a ser fortemente promovida como destino turístico. O Governo local reagiu à invasão de turistas *hippies*, com a introdução de voos *charter* para atrair turistas com rendimentos elevados. Desde então, o crescimento do turismo tem sido rápido, observando-se um aumento no número de turistas de classe média e alta, tanto a nível nacional como internacional.

Goa era já um destino estabelecido para *backpackers* quando foi introduzido o primeiro *charter* regular para a Alemanha em 1985. Os voos *charter* trouxeram consigo um novo tipo de turista que desencadeou um aumento da construção de infra-estruturas e de equipamentos turísticos para

atender às suas necessidades. Começaram a surgir *resorts* em algumas das praias desertas de Goa. Estes *resorts*, compostos por extensos jardins, piscinas e campos de golfe, eram propriedade de investidores externos a Goa, os quais geralmente não eram sensíveis aos impactes que esses equipamentos produziam nos recursos aquíferos, contribuindo muito pouco para a economia local (Álvares, 2002). Por esta razão, começaram a surgir movimentos de protesto contra o turismo, levantando questões como a poluição, os choques culturais, a exploração social e o consumo descontrolado de recursos escassos (Sen, 1998, 1999).

Foi nesta altura que o perfil do turista de Goa começou a mudar. As áreas, inicialmente frequentadas por *hippies*, foram sendo gradualmente substituídas por jovens ocidentais *neo-hippies*, e depois por turistas internacionais que viajam com pacotes turísticos e também por turistas domésticos. Por exemplo, Calangute é hoje uma área frequentada simultaneamente por turistas internacionais que ficam alojados em *resorts* e um destino de um grande número de visitantes domésticos (embora em menor escala), com poucos vestígios de actividades económicas não turísticas e do carácter original da aldeia (McCabe & Stocks, 1998). Este rápido desenvolvimento começou a espalhar-se para as praias vizinhas. Na verdade, já não existem fronteiras entre si, ao invés, existe apenas uma extensão única de praia, em resultado do enorme desenvolvimento de estruturas turísticas.

Na década de 1990, e especialmente nos primeiros anos da década seguinte, o sector do turismo cresceu muito, e esse crescimento colocou uma enorme pressão sobre os recursos e infra-estruturas, o que originou grandes preocupações acerca do seu impacte sobre o ambiente e as comunidades locais, e levou ao debate sobre qual a estratégia de desenvolvimento a seguir. No entanto, deve referir-se que o crescimento do turismo em Goa não foi homogéneo. Existem disparidades na escala, tipo e estado de desenvolvimento nas diferentes partes do território, bem como nos segmentos de

mercado que atraem. Em algumas áreas, diferentes tipos de turistas competem pelos mesmos recursos.

Os esforços do Governo com vista a promover activamente o desenvolvimento do turismo foram compensados. Entre 1961 e 2007, o total dos fluxos turísticos cresceu em média 13,8% ao ano, aumentando de 127,8 mil para 2,6 milhões de turistas, o que representa 20 vezes mais o seu volume inicial. Este rápido crescimento é observado tanto ao nível dos fluxos turísticos nacionais como internacionais (Figura 2).

Em 1967, do total de visitantes, 93% eram domésticos e 7% eram estrangeiros (Government of India, 1973). Quarenta anos mais tarde, a quota de chegadas internacionais mais do que duplicou (16%), mas os turistas estrangeiros continuam ainda a representar uma pequena parte dos fluxos turísticos totais (Government of Goa, 2008). No entanto, por razões políticas e económicas, estes são o principal mercado-alvo dos decisores políticos.

A quota de turistas estrangeiros aumentou consideravelmente desde meados da década de 1980 devido ao aparecimento e expansão dos voos *charter*. Mais de metade destes voos chegam entre Novembro e Janeiro. Por esta razão, os turistas internacionais que visitam Goa evidenciam um padrão sazonal mais acentuado que os turistas

domésticos, mostrando uma preferência para o período entre Outubro e Março. Em 2004, os turistas que chegaram durante este período corresponderam a mais de 80% do total de visitantes estrangeiros para o território, dos quais mais de metade se concentraram nos meses de Novembro, Dezembro e Janeiro (Government of Goa, 2006). Para além de existir uma distribuição fortemente sazonal, os fluxos turísticos evidenciam igualmente uma concentração geográfica em alguns municípios (Government of Goa, 2008), que se deve também à elevada concentração de equipamentos turísticos nessas áreas.

5. Consequências do crescimento do turismo

A política oficial de desenvolvimento do turismo tende a centrar o seu discurso nos benefícios económicos que este sector gera, ainda que não se conheça a sua contribuição para a economia (Sen, 1998, 1999). Em todo o caso, é indiscutível que o turismo tem contribuído substancialmente para o desenvolvimento económico local e para a criação de emprego. No entanto, este sector revelou-se

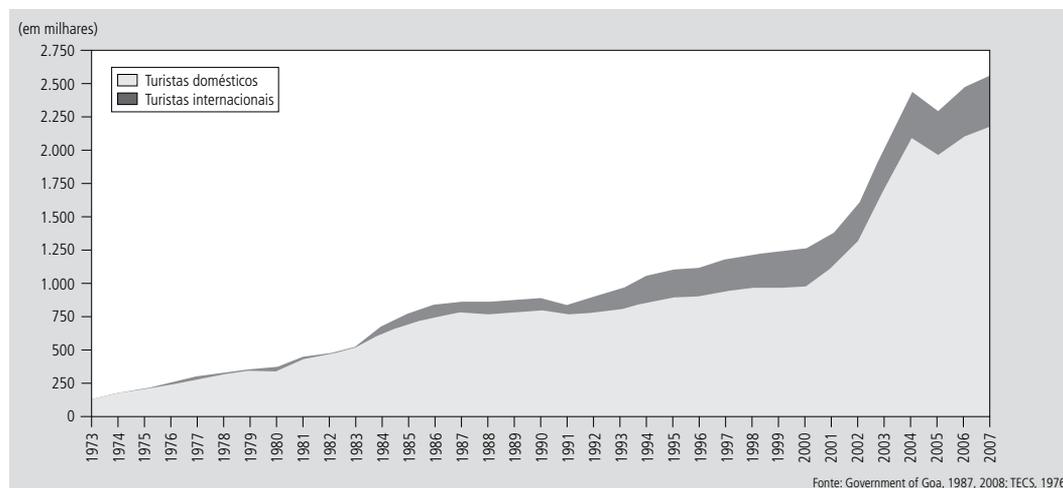


Figura 2 | Evolução do número de turistas em Goa.

também ser responsável por uma série de impactes negativos, os quais têm vindo a ser discutidos na literatura (Álvares, 2002; D'Sa, 1999; Dantas, 1999; Kazi & Siqueira, 2001; McCabe & Stocks, 1998; Newman, 2001; Noronha, 1999; Routledge, 2001; Sen, 1998, 1999; Wilson, 1997).

Uma parte considerável da população encontra-se economicamente dependente do turismo ou de actividades ligadas ao sector (TERI, 2000). A sazonalidade afecta o rendimento e o emprego, especialmente do pessoal não qualificado e dos trabalhadores de estabelecimentos de pequena dimensão, que muitas vezes são dispensados durante a época baixa (Zebregs, 1991). Estes são essencialmente migrantes provenientes de outras partes do país, que regressam às suas terras de origem no final da temporada turística. Goa enfrenta, portanto, dois tipos de influxos populacionais, ambos fortemente sazonais (turistas e trabalhadores).

A forte dependência da actividade turística torna a economia goesa muito vulnerável a mudanças ao nível dos voos *charter* (representante da GTDC, comunicação pessoal, 7 de Abril de 2007) e obriga à importação de uma parte substancial dos *inputs* do sector, devido à pequena base económica do território (delegado da Fundação Oriente, comunicação pessoal, 25 de Janeiro de 2005). Isto significa que uma importante porção do rendimento que é gerado pelo sector do turismo não permanece em Goa, existindo portanto fugas da economia para outros Estados da Índia ou mesmo para o estrangeiro.

Não existem dados consistentes sobre as despesas dos turistas que visitam Goa, no entanto, num estudo realizado em 1976 (TECS, 1976), concluiu-se que, embora os turistas internacionais de rendimento alto tivessem uma maior propensão para gastar, os turistas nacionais de baixo e médio rendimentos representavam a maior fatia no total das despesas. De uma forma geral, estes não necessitam de infra-estruturas complexas, não exercendo assim uma pressão tão grande sobre os recursos. Esta realidade parece aplicar-se também

aos *backpackers*, que recorrem muito a vendedores de rua, barracas de praia e quartos alugados a famílias locais, como forma de aumentar a aventura e a autenticidade da experiência de viagem. Isto permite à população local ter algum controlo sobre o sector e a não se alterar drasticamente a estrutura socioeconómica.

É também reconhecido que a contribuição económica dos turistas que chegam em voos *charter* é escassa, uma vez que adquirem um pacote global e durante a sua permanência gastam pouco dinheiro fora do hotel, a acrescer ao facto de que grande parte desse dinheiro acaba por sair da economia local (para corporações internacionais e cadeias operadas por Indianos de outras partes do país). Apesar de tudo, as entidades oficiais continuam a promover activamente este tipo de turismo, dando especial ênfase ao desenvolvimento do turismo de luxo, que gera maiores rendimentos *per capita*, mas que coloca mais pressão sobre os recursos e produz graves problemas ambientais.

A preocupação crescente acerca dos impactes negativos do turismo, levou ao aparecimento de uma série de grupos e agências na década de 1980, sendo o grupo de protesto mais importante o *Jagrut Goenkaranchi Fauz* (Exército Vigilante de Goa). Este grupo luta por uma maior participação local no processo de planeamento, de modo a garantir que o turismo não prejudique o acesso dos moradores aos serviços e infra-estruturas básicas. Outros grupos que se opõem ao turismo de massas incluem a Fundação de Goa, Cidadãos Preocupados com o Turismo, *Saad Bailancho* e *Satark Saligao Samiti*.

Um dos principais problemas gerados pelo turismo diz respeito às mudanças causadas nas áreas costeiras e rurais, resultantes do abandono das actividades tradicionais e do fluxo migratório de trabalhadores (representante da GTDC, comunicação pessoal, 10 de Fevereiro de 2005). Dado que Goa recebe mais visitantes do que a sua população total, muitos aspectos do modo de vida goês estão a desaparecer rapidamente e estão a surgir graves impactes sociais, relacionados com o consumo de drogas e álcool, e

o aumento da criminalidade (directora-adjunta do GTD, comunicação pessoal, 10 de Fevereiro de 2006). Existem também casos de pedofilia e prostituição infantil, estando uma ONG local (*Children's Rights in Goa*) a trabalhar activamente na construção de uma resposta coordenada da comunidade para evitar a institucionalização do turismo sexual. A população local expressa ainda preocupação acerca do crescente influxo de pedintes provenientes de outros Estados e também de turistas Indianos que se deslocam em busca de relacionamentos ocasionais, atraídos pela imagem errada da mulher em Goa, que acreditam estar 'facilmente e livremente disponível' (Álvares, 2002). Este facto tem levado ao aumento do assédio e violência sexual, e da prostituição.

Um estudo acerca do papel das actividades ligadas ao turismo, e de outros movimentos populacionais que podem provocar mudanças no ecossistema costeiro de Goa, mostrou transformações substanciais entre 1966 e 1999 (Noronha *et al.*, 2002). McCabe e Stocks (1998) também relataram mudanças consideráveis na escala e tipo de desenvolvimento em diferentes zonas turísticas, num período apenas de três anos. A transformação das áreas costeiras de Goa, como resultado do *boom* de construção, levou, por vezes, a um total desrespeito pelos regulamentos, causando danos ambientais em áreas frágeis, estrangulamentos e perturbações nas comunidades locais (antigo presidente da TTAG, comunicação pessoal, 8 de Fevereiro de 2006). No entanto, estes impactes não são generalizados a toda a faixa costeira, uma vez que existem áreas turísticas em diferentes estados de desenvolvimento, atraindo também diferentes segmentos de mercado.

Segundo Seifert-Granzin e Jesupatham (1999), o desenvolvimento de infra-estruturas relacionadas com o turismo tende a aumentar o fosso entre os 'que têm' e os que 'não têm'. Originalmente foram os proprietários de pequenos restaurantes e estabelecimentos de alojamento que começaram por fornecer serviços de turismo, mas hoje em dia a indústria do turismo organizado tende a afastá-los.

A expropriação de terras é também comum, sendo geralmente feita em terrenos de agricultores pobres e marginalizadas em nome do interesse público. No entanto, este tipo de acções, efectuadas para facilitar a construção de hotéis e o desenvolvimento de outros projectos turísticos, despoletou numerosos protestos e manifestações anti-turismo (Sen, 1998, 1999). Curiosamente, em vez de se procurarem formas sustentáveis de desenvolvimento, a fim de minimizar os impactes negativos causados pelo turismo e de envolver a população local no processo de planeamento, uma das principais preocupações do Governo de Goa tem sido o combate à publicidade negativa causada por estes protestos.

Mudanças constantes do Governo local e a falta de uma direcção clara sobre como esta actividade deve ser orientada resultaram no desenvolvimento *ad hoc* do turismo, respondendo a forças nacionais e internacionais. O foco do Governo de Goa tem sido essencialmente na promoção e no investimento, em vez do planeamento. No entanto, Goa necessita de uma política de turismo bem planeada, controlada e coordenada. As entidades oficiais têm falhado em compreender que os turistas são atraídos principalmente pela beleza natural do território e, se não forem tomadas medidas para preservar o ambiente, os fluxos turísticos podem diminuir consideravelmente e afectar negativamente a economia. Adicionalmente, ao não prestar atenção às preocupações da população e às necessidades locais, o Governo pode igualmente provocar um aumento da frustração e antagonismo, que pode resultar na completa falta de aceitação social do turismo.

As políticas públicas, apesar de não serem consideradas o principal constrangimento ao turismo em Goa, constituem uma grande limitação na opinião de 62,2% dos gestores/proprietários de estabelecimentos de alojamento gama média e alta (Figura 3). Também relacionado com o sector público, e apesar de ser uma questão sensível, a burocracia e a corrupção foram apontadas por 37,8% e 29,7% dos inquiridos, respectivamente.

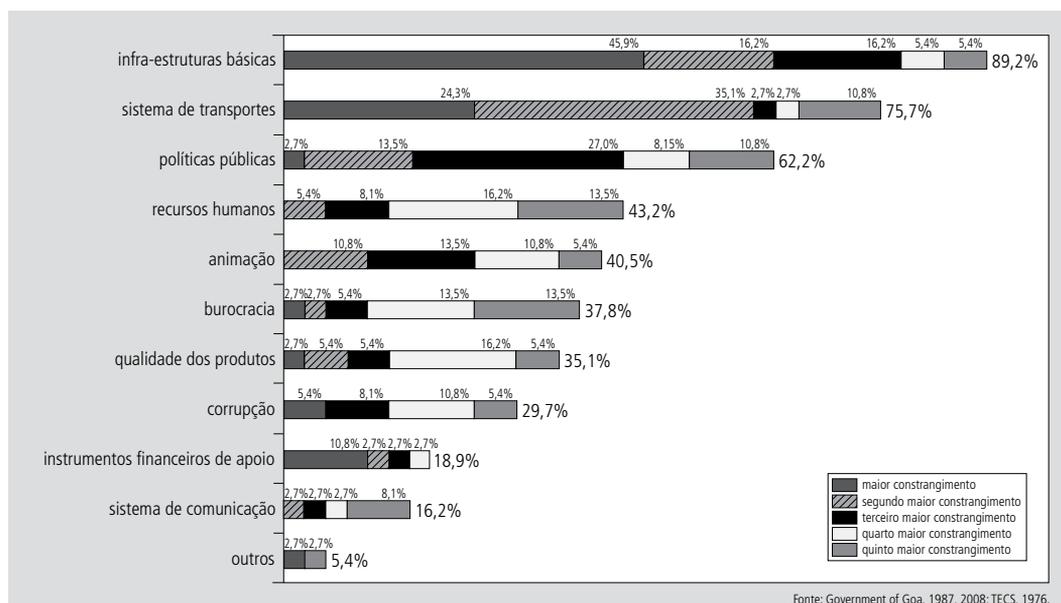


Figura 3 | Constrangimentos ao desenvolvimento do turismo em Goa.

Infra-estruturas básicas deficitárias e um sistema de transportes inadequado são os maiores problemas que a indústria do turismo enfrenta (89,2% e 75,7%, respectivamente). Segundo o representante da TTAG, os principais constrangimentos estão ainda relacionados com o congestionamento em algumas áreas, o estrangulamento do aeroporto e um sistema de gestão de resíduos ineficiente e ineficaz. A falta de estruturas e serviços de animação foi também mencionada, uma opinião que é também partilhada por 40,5% dos hoteleiros. O representante da GTDC salientou ainda a falta de profissionalismo e formação. Apesar de Goa ter algumas escolas de turismo, 43,2% dos hoteleiros apontou igualmente a baixa qualificação dos recursos humanos. Segundo antigos presidentes da TTAG, Goa enfrenta ainda o problema da degradação ambiental, agravamento dos preços, falta de sistemas de comunicação eficazes (uma opinião partilhada por 16,2% dos hoteleiros) e problemas relacionados com o sistema de transportes.

Ações prioritárias a serem tomadas pelo Governo no âmbito do turismo devem passar pela resolução

dos principais constrangimentos enfrentados pelo sector, nomeadamente os problemas relacionadas com as infra-estruturas básicas e os transportes (57,6% e 33,3% das opiniões, respectivamente). O aumento dos esforços promocionais foi apontado por 21,2% dos inquiridos. Embora a promoção não deva ser uma prioridade, não é surpreendente que os hoteleiros a tenham mencionado. Curiosamente, o recente Plano Regional de Goa atribui menos ênfase à promoção. O Plano sugere mesmo que, uma vez que Goa é um destino turístico já estabelecido, um ano do orçamento de promoção deveria ser utilizado para limpar as praias e fornecer as infra-estruturas necessárias.

O fornecimento de instalações de entretenimento, a melhoria da qualidade dos produtos e serviços, o controle da poluição e a preservação do meio ambiente foram também mencionados pelos hoteleiros. Outras ações incluem a preservação do património cultural, a oferta de incentivos, a aposta na formação turística e a aplicação de regras para restringir a exploração dos turistas. Campanhas de sensibilização sobre os efeitos negativos do

turismo, incluindo a educação ambiental e os esforços de limpeza, melhoria das infra-estruturas básicas (saneamento, abastecimento de água e electricidade) e do sistema de transportes foram igualmente referidos pelos representantes das associações do sector e entidades públicas.

6. Conclusão

É inevitável que o desenvolvimento do turismo induza alguns impactes nos destinos. A natureza singular deste sector implica que origine alguns conflitos e modifique as características socioeconómicas das áreas de destino. Alguns desses impactes não podem ser evitados completamente, no entanto é importante tentar minimizá-los. Este artigo pretendeu mostrar de que forma o desenvolvimento do turismo evoluiu em Goa e quais as políticas definidas para o sector, enfatizando os impactes que advieram desse crescimento.

Antes de 1961, o turismo era quase inexistente em Goa, e as infra-estruturas e equipamentos turísticos eram escassos para receber os visitantes no território. A 'Libertação' constitui o ponto de viragem para o desenvolvimento do turismo. Percebendo a necessidade e a importância do crescimento do turismo, um programa de rápida expansão das estruturas de alojamento e serviços turísticos foi iniciado pelo Governo, sendo o turismo de sol e mar adoptado como um produto chave para o desenvolvimento de Goa.

A transformação das áreas costeiras de Goa, como consequência do crescimento exponencial da construção de equipamentos turísticos, conduzido por vezes com um total desrespeito pelos regulamentos, tem causado danos ambientais e perturbações nas comunidades locais. Esses impactes não são, no entanto, generalizados para toda a zona litoral, uma vez que existem áreas em diferentes estados de desenvolvimento, atraindo igualmente diferentes segmentos de mercado.

Grupos anti-turismo, compostos por cidadãos, grupos activistas e ONG, surgiram no território e têm estado particularmente activos. De um modo geral, os Goeses não se opõem ao turismo *per se*, uma vez que a subsistência de muitas famílias depende deste sector. A razão desse conflito prende-se com a natureza do desenvolvimento turístico. O reduzido envolvimento da população local no processo de tomada de decisão tem também agravado a situação, pois esta sente-se alienada em relação às decisões que afectam as suas vidas e o futuro da comunidade.

De uma forma geral, a política de turismo tem sido essencialmente reactiva. O Governo local não tem uma estratégia clara e, como resultado o turismo tem vindo a ser desenvolvido de forma *ad hoc*, em resposta a pressões externas ao território. O Governo tem focado principalmente a sua actuação na promoção e investimento, em vez do planeamento. No entanto, Goa necessita de uma política do turismo planeada e de integrar a população local no processo de planeamento, a fim de minimizar os impactes negativos causados pelo turismo no território. O recente Plano Regional de Goa colocou já menos ênfase na promoção e defendeu a necessidade de um novo plano global com base numa visão sustentável, mostrando que a política do Governo tem vindo gradualmente a mudar.

Agradecimentos

A primeira autora gostaria de agradecer o apoio financeiro do Turismo de Portugal, I.P. e a colaboração das várias pessoas e entidades com quem contactou em Goa.

Referências

- Alvares, C. (ed.), 2002, *Fish curry and rice* (4th ed.), Goa Foundation, Mapusa.
 Burton, R., 1995, *Travel geography* (2nd ed.), Pitman Publishing, London.

- Butler, R.W., 1980, The concept of a tourist area cycle of evolution: Implications for management of resources, *Canadian Geographer*, Vol. 24(1), pp. 5-12.
- CES, 2001, *Tourism Master Plan: Goa-2011*, Consulting Engineering Services Ltd, New Delhi.
- D'Sa, E., 1999, Wanted: Tourists with a social conscience, *International Journal of Contemporary Hospitality Management*, Vol. 11(2/3), pp. 64-68.
- Dantas, N. (ed.), 1999, *The transforming of Goa*, The Other India Press, Mapusa.
- Doxey, G., 1975, A causation theory of visitor-resident irritants: Methodology and research inferences in the impact of tourism, in *Sixth Annual Conference Proceedings of the Travel Research Association*, San Diego, California.
- Government of Goa, 1987, *Master Plan for Tourism Development in Goa*, Town and Country Planning Department, Panaji.
- Government of Goa, 2001, *Goa tourism policy*, Department of Tourism, Panaji.
- Government of Goa, 2006, *Tourism statistics 2005*, Department of Tourism, Panaji.
- Government of Goa, 2008, *Regional Plan for Goa 2021*, Town and Country Planning Department, Panaji.
- Government of India, 1973, *Regional study of Goa: Development of tourism in Goa*, Town and Country Planning Organization, Ministry of Works and Housing, New Delhi.
- Jenkins, C.L., 1980, Tourism policies in developing countries: A critique, *International Journal of Tourism Management*, Vol. 1(1), pp. 22-29.
- Inskeep, E., 1991, *Tourism planning: An integrated and sustainable development approach*, Van Nostrand Reinhold New York.
- Harding, P., Thomas, B., 2003, *Goa* (3rd ed.). Victoria: Lonely Planet Publications.
- Kazi, S., Siqueira, A., 2001, Beach shacks: Conflict over tourists and resources. *Coastin: A Coastal Policy Research Newsletter* (5).
- Keller, P., 1999, Future-Oriented Tourism Policy – Synthesis of the 49th AIEST Congress, *The Tourism Review*, Vol. 54(3), pp. 2-6.
- Leiper, N., 2004, *Tourism management* (3rd ed.), Pearson Education, Frenchs Forest.
- Mahajan, V.A.P., 1992, Growth of tourism in Goa, in GCCI (ed.), *30 years of economic development in Goa 1961-1991*, Goa Chamber of Commerce and Industry, Panaji, pp. 68-70.
- Mathieson, A., Wall, G., 1982, *Tourism: Economic, Physical and Social Impacts*, Longman, Harlow.
- McCabe, S., Stocks, J., 1998, Issues in social impacts of tourism research with reference to the Indian state of Goa. In Roy, K.C. & Tisdell, C. (eds.), *Tourism in India and India's economic development*, Nova Science Publishers, New York, pp. 187-200.
- Mill, R.C., 1990, *Tourism: The international business*, Prentice-Hall, Englewood Cliffs.
- Miossec, J.M., 1976, Elements pour une theorie de l'espace touristique, *Les Chasiers duTourisme*, C-36, C.H.E.T., Aix-en-Provence.
- Newman, R.S., 2001, Western tourists and Goan pilgrims. In *Of umbrellas, goddesses and dreams: Essays on Goan culture and society*, Other India Press, Mapusa, pp. 210-230.
- Noronha, F., 1999, Ten years later, Goa still uneasy over the impact of tourism, *International Journal of Contemporary Hospitality Management*, Vol. 11(2/3), pp. 100-106.
- Noronha, L., Siqueira, A., Sreekesh, S., Qureshy, L., Kazi, S., 2002, Goa: Tourism, Migrations and Ecosystem Transformations, *Ambio*, Vol. 31(4), pp. 295-302.
- Routledge, P., 2001, 'Selling the rain', resisting the sale: Resistant identities and the conflict over tourism in Goa, *Social & Cultural Geography*, Vol. 2(2), pp. 221-240.
- Seifert-Granzin, J., Jesupatham, S., 1999, *Tourism at the crossroads: Challenges to developing countries by the new trade order*, epd-Entwicklungspolitik, Equations and Tourism Watch, Frankfurt.
- Sen, G. (Director), 1998, *Of hosts and hostages*, Magic Lantern Foundation, India.
- Sen, G. (Director), 1999, *Goa under siege*, Magic Lantern Foundation, India.
- Smith, V.L., 1989, *Hosts and guests: The antropology of tourism* (4th ed.), University of Pennsylvania Press, Philadelphia.
- TECS, 1975, *Report on tourism development in Goa: Identification of potential centres and programmes*, Tata Economic Consultancy Services, Bombay.
- TECS, 1976, *Employment potentialities of tourism in Goa, Daman and Diu*, Tata Economic Consultancy Services, Bombay.
- TERI, 2000, *Population, consumption and environment inter-relations: A Tourist spot scenario*, Tata Energy Research Institute, New Delhi.
- UNWTO, 1994, Tourism carrying capacity study of Goa, in UNWTO (ed.), *National and regional tourism planning: Methodologies and case studies*, Routledge, New York, pp. 93-97.
- UNWTO/UNDP, 1989, *Tourism carrying capacity study: Goa, India*, World Tourism Organisation, Madrid.
- Wall, G., Mathieson, A., 2006, *Tourism: Changes, Impacts and Opportunities*, Pearson Prentice Hall, Harlow.
- Wilson, D., 1997, Paradoxes of tourism in Goa, *Annals of Tourism Research*, Vol. 24(1), pp. 52-75.
- Zebregs, H., 1991, *The Economic effects of tourism in Goa: With a micro-study on employment in the hotel sector*, Unpublished manuscript, Tilburg.